

SMART CITY

CAPITALISMO E
METAESTABILIDADE

Catarina Patrício,
CIC.Digital-ICNOVA, Lisboa [PT]
catarinapatricioleitao14@gmail.com

- Grandemente suscitadas pela aplicabilidade da computação imersiva em ambiente urbano, e da coalescência entre *media*, as *Smart Cities* prometem a eficiência agregada entre equipamentos, estruturas e indivíduos, mas simultaneamente parecem limitar a cidadania a uma série de movimentos pré-estabelecidos, induzidos e monitorizados, anunciando uma espécie de fim (*voluntário*) da privacidade. Entre a volição ecológica e a mobilização para o consumo, tornaram-se num imenso negócio. Já o capitalismo, enquanto sistema de equivalências, capaz de transformar todos os objetos em mercadoria, apodera-se também de ideias ou palavras – *Smart* é apenas uma delas.

- mas promessa de eficiência e preocupação ecológica dão sinais de falência: novos serviços que *appificam* o espaço público procuram estar “onde quer que alguém e um aparelho estejam” (Paul Valéry, *A conquista da Ubiquidade* 1928) gerando mais objectos, e consequentemente mais lixo. (> para além da mercadoria, pacotes da mercadoria)



Amazon Fulfillment center - um dos 75 que tem no mundo



Fotografia de Na Zhou para o New York Times (in <https://www.nytimes.com/2019/05/28/technology/china-food-delivery-trash.html>)

- Qual o impacto ambiental dos serviços de entrega?

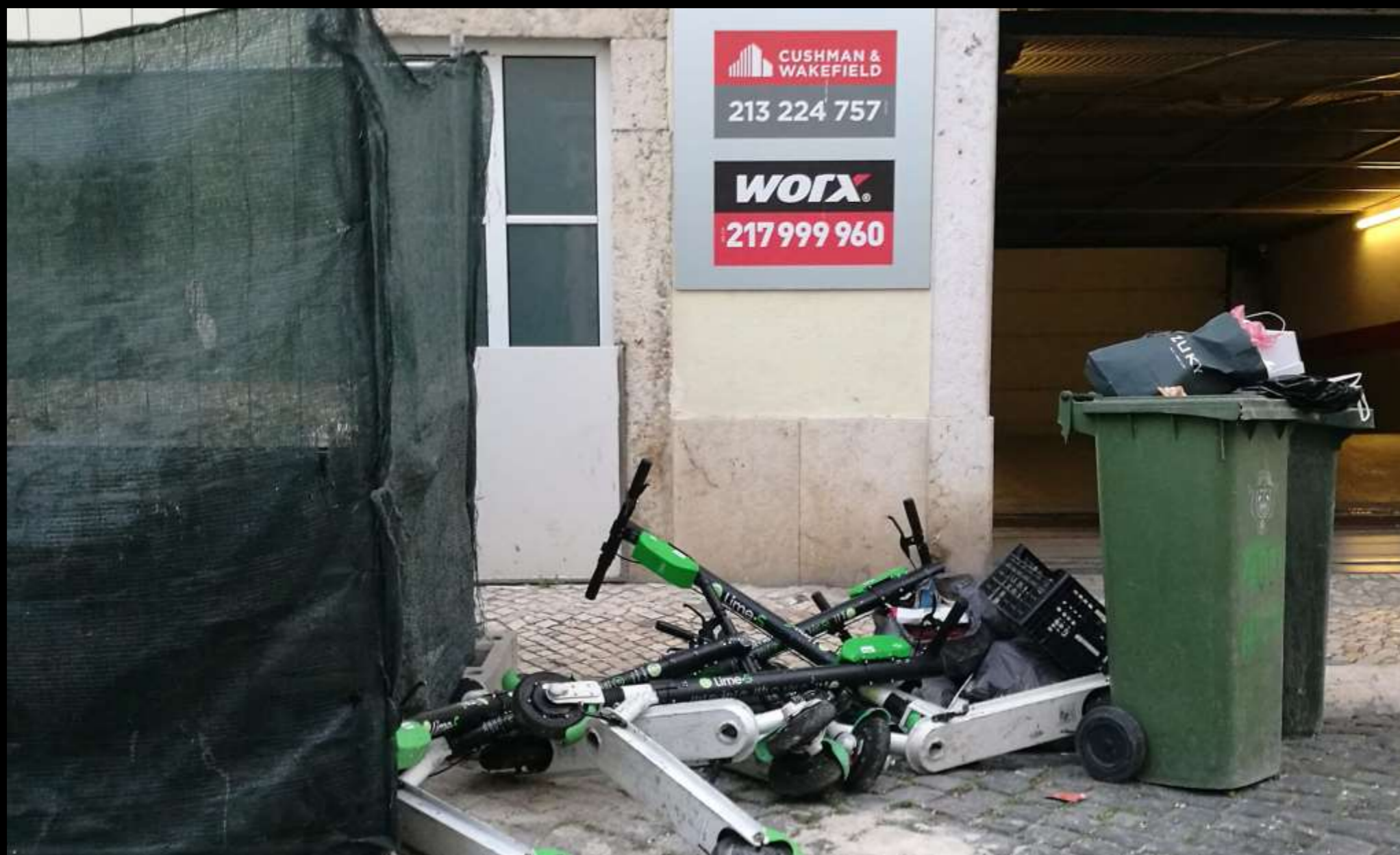
““Portanto esta [história dos média técnicos] não é apenas uma história sobre a vaporização de ‘tudo o que é sólido’; pelo contrário, sugere que novas formas de solidez – novos tipos de “hardware” – emergem com o programa da descartabilidade”

–Jeniffer Gabris



–para onde vai o hardware obsoleto?





de entre as materialidades que constituem
os *media* temos as terras raras

- *híper-mercadorias* forjam um investimento enviesado no ECO-LÓGICO como se fosse possível “comprar” a redenção da poluição no dispêndio de ideias *Smart, Eco, environmental friendly, Cloudbased*.
- mercadorias e serviços (hiper-objectos, software, *e-commerce*,) assentes em materialidades (materialidades dos *media*).

- Lixo entremeado no solo do planeta, mega crateras escavadas na superfície da Terra: marcas geológicas do Antropoceno



Na imagem: tubos provenientes de uma central de fusão de terras raras formam piscinas ácidas, arredores de Baotou na região da Mongólia Interior, China (fotografia de David Gray/Reuters, fonte Daily Mail).

DANGER
DUE TO

Construction Site
CAPITALISM
No trespassing

EllisDon
We build our communities.



– *Ilha de Lixo no Pacífico (2018)*



Gaia é a membrana onde está a vida «que emergiu da evolução recíproca dos organismos e do seu ambiente ao longo das eras da vida na Terra» (Lovelock

1991

“É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”

–provérbio contemporâneo

nota: Lido algures em Jameson, ouvido de Žižek (Mark Fisher diz estar atribuída a ambos): assim começa um provérbio.

Assuma-se o Antropoceno, ainda que se perceba como a sua narrativa está assente num modelo teológico: harmonia com a natureza e a expulsão do éden, que culmina no apocalipse. Mas para podermos reabilitar o mundo talvez seja necessário um *katechon* – essa figura bíblica da contenção. Talvez a reconciliação com a natureza se consiga fazer o jardim a que apelara Nietzsche na sua geoestética



Antropoceno, Capitaloceno e Chthuloceno - Donna Haraway, *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* (2016)

“Revolution is communism plus Electricity.”

–provérbio contemporâneo atribuído a Lenine

- O que significa este slogan hoje? «Significa submetermo-nos a inquirições (não apenas sociológicas, mas políticas e ontológicas)»
[entregarmo-nos à militância da Terra]
«construindo modelos de cooperação e empreendimento diferentes daqueles impostos pelo capitalismo. Isso significa **reapropriar-se do comum** que o capital já explora” (Antonio Negri)
- Solução? Soberania das técnicas, *i.e.* libertar a tecnologia das grilhetas do consumo e do capitalismo.

“A Revolução é o pensamento posto em acção.”

– *Emma Goldman*